

969403

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

SBD-FFLCH-USP



150490

De ANTÓNIO PATRÍCIO

OCEANO (Versos)

O FIM (História dramática em dois quadros)

SERÃO INQUIETO (Contos)

PEDRO O CRU (Drama em quatro actos)

DINIS E A ISABEL (Conto de Primavera)

D. JOÃO E A MÁSCARA (Uma Fábula Trágica)

POESIAS (Póstumo)

O FIM

HISTÓRIA DRAMÁTICA
EM DOIS QUADROS



DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300005297

1 9 7 4
LIVRARIA SAM CARLOS
LISBOA

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES - USP
BIBLIOTECA

869.27
P3418
J974



Ao meu amigo
VASCO GONÇALVES



1974

Ter

«L'affirmation de la vie même dans ses problèmes les plus étranges et plus ardus; la volonté de vivre se réjouissant de faire le sacrifice de ses types les plus élevés, au bénéfice de son propre caractère inépuisable — c'est ce que j'ai appelé dyonisien, c'est en cela que j'ai cru reconnaître le fil conducteur qui mène à la psychologie du poète tragique».

(Crépuscule des idoles).

FRÉDÉRIC NIETZSCHE

PERSONAGENS

A RAINHA VELHA

A AIA

O DUQUE

O MINISTRO

O DESCONHECIDO

Criados. Vestem librés de luto.

A acção passa-se na capital do Reino. Actualidade.

QUADRO PRIMEIRO

O Paço Velho numa das sete colinas da cidade. Sala de recepção. Ao fundo quatro janelas, com cortinados de veludo, dum vermelho púido, já sem brilho. As paredes, vazias, têm grandes manchas de humidade. À esquerda e ao fundo, uma porta dando para o exterior. Ainda do mesmo lado, perto da cena, o trono. Tem um dossel com armas reais, tão complexas de signos heráldicos, que é impossível, mesmo a um erudito, decifrá-las. As armas estão cobertas de crepes. Sob o dossel, num estrado, uma cadeira teatral cujo espaldar remata numa coroa. À direita e ao centro, dando para o interior, uma porta larga e baixa, com um reposteiro armoriado de cores mortas. No primeiro plano, à direita, uma mesa escura com duas cadeiras convencionais de espaldares de couro. Sobre a mesa uma serpentina de prata. Pelas janelas abertas vêm-se cimos de árvores de jardim, perspectivas confusas de casaria, descendo a colina até ao rio, animado de milhares de mastros, com a outra margem mal distinta na luz dúbida. O tecto é de carvalho apainelado, tendo ao centro um escudo de armas colorido.

No chão um tapete com grandes flores fanadas. Entardecer.

Perto da mesa o Duque dá ordens a um criado velho. Tem perto de setenta anos. Cabelo branco, raro. Traços viris que a expressão do olhar desmente: vago, infantil, quase de louco. Um pouco curvado, trémulo. Fala com uma vivacidade de obcecado, pondo reticências nas palavras mais banais. Veste uma sobre-casaca preta, fora de moda.

O DUQUE

Amanhã é o aniversário de S. M. Há recepção. É preciso preparar tudo, não esquecer nada. A senhora condessa há-de ter ordens para lhe dar...

CRIADO

Sim, senhor Duque.

O DUQUE

Veja se é preciso alguma coisa na escadaria, no vestíbulo... Mas devagar. S. M. está recolhida.

Criado sai pela esquerda. O Duque olha com atenção o trono. Instantes depois entra pela direita a Aia. Cinquenta anos, alta: uma expressão de bondade inteligente. Cabelos negros. Maneiras simples que revelam raça. Veste de escuro: sem jóias. O Duque volta-se ao ouvir-lhe os passos.

O DUQUE, indo-lhe ao encontro

Sossegou mais S. M.?

A AIA

Foi preciso levar para o quarto quantos espelhos há no Paço. Quer ainda mais. Ainda acha pouco. Dão-lhe a ilusão de um grande convívio, duma corte... As criadas estão todas ao pé dela. Volta-se para todos os lados, para as ver reflectidas, e sorri... sorri horivelmente. Diz que é um ensaio para a recepção de amanhã... (*Noutro tom*) Que dia de anos!

O DUQUE

Tenho esperança, senhora condessa, tenho esperança que haja amanhã uma verdadeira recepção...

A AIA, com desalento

Isso afinal é o menos. Nós a iludiremos como pudermos, piedosamente. O pior é que agora, a maior parte da pensão é consumida a amortizar as dívidas. O Estado pagou-as: vai-as cobrando assim. E o que resta é a miséria, a mais trágica: a miséria num Paço.

O DUQUE, com uma insistência de mantaco

A mim o que me preocupa é a recepção... Escrevi ao Ministro meu amigo. É uma amizade de muitos anos, sempre leal. Fiz-lhe ver tudo. Expuz-lhe com pormenores a situação de S. M. a Rainha-Avó. Pedi-lhe que intercedesse perante o ministério; mostrei-

-lhe a urgência de conseguir um aumento, ao menos provisório, da pensão; de restaurar imediatamente o Paço Velho... (*Animando-se*) e sobretudo, senhora condessa, sobretudo, disse-lhe para falar no Paço Grande e conseguir que à recepção de amanhã, venha o Rei, a Rainha-Mãe, a corte toda... É o dia do aniversário de S. M. a Rainha-Avó. Que ao menos nesse dia se penitenciem, prestando-lhe a homenagem a que tem todo o direito...

A AIA

Mas o Ministro não respondeu ainda...

O DUQUE

Melhor, senhora condessa: vem ele mesmo dizer-me o que conseguiu. É quase a hora. Já a outra semana cá estive. Mas muito à pressa, não pôde ouvir-me...

A AIA

Eu também queria falar-lhe. Preciso, preciso absolutamente. Mas agora não o posso esperar. É a hora em que a Rainha vai ao jardim. Talvez sair a calma um pouco...

O DUQUE

Mas eu digo-lhe, eu peço-lhe. Vá a senhora condessa descansada. (*Outro tom, olhando-a*) A senhora condessa está nervosa...

A AIA

Começo a perder a serenidade. A Rainha está tão inquieta! Vai ter uma noite de insónia, com certeza. Há mais de uma semana que o médico não vem. Considera-a incurável. Não tem mais nada a dar-lhe. Depois... sempre apreensões... esta incerteza... o estado do país...

O DUQUE

Ah! nisso tem razão, senhora condessa. Também me tem amargurado muito. Decerto, decerto... Ninguém quer saber, ninguém se preocupa com a injustiça de que S. M. é vítima. Se houvesse um movimento de opinião, não procederiam assim no Paço Grande. (*A Aia faz um gesto para o interromper*) Eu sei, eu sei, senhora condessa... Em toda a parte a ingratitude...

A AIA, contendo-se

Não era isso o que eu queria dizer...

O mesmo criado entra pela esquerda.

CRIADO, ao Duque

O senhor Ministro.

O DUQUE, com ansiedade

Mande entrar, mande entrar.

A AIA

Vou acompanhar a Rainha ao jardim. Não me demoro. Mesmo porque é já tarde. Está muito húmido... Pega-lhe então, em meu nome, para esperar um pouco.

O DUQUE

Vá a senhora condessa descansada.

A Aia sai. Entra pela esquerda o Ministro. Cinquenta e tantos anos, cabelo grisalho. Aspecto de quem reprime uma grande tensão de nervos. Uma palidez de surmené. Veste com correcção.

O DUQUE, cumprimentando-o

Muito, muito obrigado por teres vindo. Esperava-te ansiosíssimo. (*Fizendo-o*) Que tens? Estás abatedo, pálido...

O MINISTRO, com esforço

Nada. Estou bem. Um pouco de fadiga.

O DUQUE

Não devias trabalhar tanto. (*Sem poder reprimir-se*) Conseguiste o que te pedi? Estou morto por saber...

O MINISTRO, hesita um instante: bruscamente

Consegui, sim... consegui tudo. (*O Duque olha-o como duvidando ainda*) tudo.

O DUQUE, comovidíssimo

Beijo-te as mãos, beijo-te as mãos, meu bom amigo. Olha em roda de ti! Vê se exagero. Estás na sala de recepção do Paço Velho. Olha as paredes, o tapete, puidíssimo... Vê tudo, vê! E amanhã é o aniversário de S. M. Há recepção. (*Levantando a voz*) Vêm do Paço Grande, não é verdade? O Rei, a Rainha-Mãe, vem toda a corte? Falaste como te pedi, fizeste ver...

O MINISTRO, como mascando
uma ideia fixa, concentrado

Sim, sim, descansa, vêm todos...

O DUQUE

É o remorso que os trás. Ainda bem. (*Leva o Ministro até à mesa. Sentam-se*) Se tu soubesses o que tem sido, há quase um ano, a nossa vida... desde que, dias depois do regicídio, exilaram no abandono deste Paço S. M. a Rainha-Avó, minha Senhora... Dizem que ela está louca. Não é natural, que depois de ver o filho e o neto assassinados, a dor, o desespero a desvairassem?... Um coração de rainha, como o seu!... Queriam vê-la longe, é o que era. Ainda agora, destronada, o prestígio da sua nobreza, do seu porte, fazem sombra... Depois da sua desgraça, a humilhação deste abandono. (*Olhando as paredes*) O Paço, como tu vês, é um casarão húmido e velho: toda a ala norte é uma ruína. Entra-lhe o vento do mar. Vai lá dormir. O jardim... não vê um jardineiro há muitos

anos. Mandaram-na morar aqui com a sua dor. Felizmente, graças à tua intervenção, alguma coisa se vai remediar. Porque, não é verdade? Os trabalhos de restauração começam já?... (*Vendo-o alheado*) An?... Imediatamente ...

O MINISTRO, *no mesmo tom*

Imediatamente.

O DUQUE

É uma vergonha, a recepção de amanhã, aqui, nesta sala... Custa-me pelos ministros estrangeiros. O resto, a corte, o Paço Grande... amargura-me e ao mesmo tempo gosto, para que vejam bem o seu crime... a sua infâmia... Não sei se te contei: contra S. M. a Rainha-Avó conspiraram todos: ingratamente, torpemente. Teve dois servidores fiéis que a acompanharam: a senhora condessa que há vinte anos é sua aia, com uma nobreza, uma dedicação perfeita, e eu. Ninguém mais, ninguém mais: pensa bem nisto... Uma grande rainha, um coração arado pela dor... e na maior desgraça todos fogem, todos fazem coro com o ódio e com a inveja. Ficamos dois e alguns criados velhos, com coração, reconhecidos esses... (*Com uma grande curiosidade*) Dize-me, dize-me: mostraram muita relutância em vir à recepção de amanhã? Foi preciso que insistisses, an?

O MINISTRO

Alguma, alguma... Tive de insistir.

O DUQUE

Eu adivinho bem, eu adivinho-os. (*Outro tom*) Se tu soubesses como fora das crises ela é boa e cheia de ternura, de meiguice... É uma grande criança, coitadinha! As vezes, no seu desvario, diz coisas que me gelam... cheias de verdade... profecias... Hoje, por exemplo, só fala no dia de amanhã... Diz que *amanhã é um grande dia, é um grande dia...*

O MINISTRO, *desta vez atento*

O quê? Que *amanhã é um grande dia?* ...

O DUQUE

Desde que se levantou não diz outra coisa...

O MINISTRO, *num tom estranho*

É curioso...

O DUQUE

Vê tu: vê tu... Refere-se naturalmente a que virão à recepção de amanhã, o Rei, a Rainha-Mãe, a corte toda... E ninguém o sabia aqui no Paço! Sei-o eu agora porque tu mo disseste. (*Com superstição*) Há qualquer coisa de misterioso na Rainha... Gostava que lhe falasses, que a visses. É verdade que a vês amanhã na recepção; mas preferia que fosse aqui, na intimidade...

entrado. Não sei que é, mas tem um interesse imenso em estar contigo...

O MINISTRO

Fico então um pouco mais.

A Aia entra pela direita. Vem inquieta. Cumprimenta o Ministro.

O DUQUE

Estou contentíssimo, senhora Condessa. Renasço! (*Apontando o Ministro*) Conseguiu-nos tudo... Deixou-os um instante. Vou ver S. M.

A Aia fixa o Ministro como interrogando-o.

A AIA

Que diz ele? Deu-lhe esperança?...

O MINISTRO

Como a senhora condessa compreende, nem falei do que ele me pediu... não pensei nisso. Menti-lhe. Disse-lhe que sim a tudo. Vai ser feliz até amanhã. É já bastante...

A AIA

Mas então... o que os jornais dizem, é verdade?... Leio... e não posso crer... não quero crer...

O MINISTRO

Hoje não. Outro dia... da melhor vontade. Estou fatigado.

O DUQUE

Tens razão. Como quiseses... Outro dia. Não imaginas como te estou grato por o que conseguiste, meu amigo. É um grande acto de justiça e de piedade. Porque... não é verdade? (*Olhando à roda*) que há aqui a lembrar-nos que estamos num paço real?... Aquele trono enlutado... e sentinela à porta... No jardim cresce erva e tojo. Não há uma flor. O buxo, nas ruas, dá-nos pela cinta. Ao pé das grades, há uma grande roseira com rosas de tocar que nascem murchas... É a Rainha mesmo que as rega. Em vão: nascem murchas, abrem mortas... De real só os pavões: gritam imenso. Cá dentro não há conforto, nem sequer nos aposentos da Rainha. Quando o vento sopra da barra, ouve-se o mar... Não calculas: é triste, muito triste...

O MINISTRO, *levantando-se*

Perdoa. É tarde para mim. Vou-me embora. Tenho pena de não falar à senhora Condessa...

O DUQUE

Esquecia-me dizer-te... Ela pede-te que a esperes. É um momento. Foi acompanhar S. M. ao jardim. (*Olhando pelas janelas o crepúsculo*) Já devem ter

O MINISTRO

Estamos todos assim. Não queremos acreditar, não podemos acreditar (*com sarcasmo*). Foi o nosso maior vício, a esperança. (*Sublimando as palavras, numa grande agitação nervosa*) Há oito dias já, não existimos...; desde que os representantes dos nossos credores, reunidos em conferência internacional, o decidiram. Pois bem: o conselho de ministros reuniu hoje... Tratou-se de ir, o mais polidamente possível, à despedida dos embaixadores, que receberam ordem dos governos para partir...; calculou-se a hora a que chegarão, para tomar posse de nós, as esquadras estrangeiras...; e alguns dos meus colegas, prevendo um protectorado moderno, *no espírito da nossa civilização*, dizem constar-lhes: que além da rigorosa administração da fazenda que foi nossa, nada sofreremos... Vão dar-nos mesmo um parlamento... Só não existimos... De resto, um parlamento póstumo... comícios póstumos... Como até aqui, afinal... Como até aqui...

A AIA

É horrível. Mas há homens como o senhor... Que resultou do seu esforço? O seu livro? Foi um grande sucesso, não é verdade?

O MINISTRO, *com uma ironia dolorosa*

Um grande sucesso... Acharam-no bem escrito... Quanto ao meu esforço... Da primeira vez que fui mi-

nistro, puzeram-me fora; da segunda, pensaram que não valia a pena...

A AIA

Vivemos então os dias últimos de um povo?...

O MINISTRO

O último. As últimas horas. Decerto, ao cair da noite, os navios estrangeiros estão à vista.

A AIA

Mas que se diz... que se faz no Paço Grande?...

O MINISTRO

No Paço Grande... reza-se... espera-se em Deus...

A AIA

E o povo? O partido revolucionário?...

O MINISTRO

Em toda a capital só se fala dos comícios de amanhã. (*Com sarcasmo*) Um povo *talhado para o heroísmo!*... Veio depois o *fado*. Agora um fado sem guitarras: os comícios...

A AIA

Não é então verdade, que havia uma agitação, um movimento?... E os homens de talento e de energia? Estancaram-se então todas as fontes...

O MINISTRO

Um ou outro de valor vive isolado, com a sua razão de desprezo e de impotência. Partiram os remos nas mãos de muitos que quiseram lutar contra a maré. De quando em quando, no povo, um ou outro gesto, como de alguém que está para despertar, mas acaba por se voltar para o outro lado... Maré podre.

A AIA

Tudo perdido então?

O MINISTRO

Tudo. As nossas palavras agora são tão inúteis como um necrológio.

A AIA

Então as esquadras...

O MINISTRO, completando

Entram naturalmente, como em sua casa. É um pretexto para uma revista naval de ostentação. Isto é tão certo, que um dos embaixadores não partiu para assistir ao desembarque. Quer gozar este espetáculo inédito, de um povo...

A AIA, exaltando-se

Com uma história...

O MINISTRO, interrompendo

... natural. É a única que temos nesta hora.

Corre-se o reposteiro.

UMA VOZ

S. M. a Rainha.

Entram a Rainha e o Duque

A RAINHA

Setenta anos. É alta, magríssima. Os cabelos brancos, muito ralos nas temporas, têm tons de ferrugem, manchas fulvas, de destingirem há muito, miserandos. Quase no coronal um diadema falso de brilhantes. Trás um vestido de cauda, enodoado, negro. As mãos belas e ósseas, de dedos-falanges. Uma elegância de harpia e um grotesco singular de cabotina. Nos pés, escarpins de seda, pontiagudos. É lívida. Os olhos — duas gotas de sangue azul, coagulado. Boca grande, sem lábios, de comissuras dúbias. Em toda a máscara emaciada, um hieratismo teatral de linhas. Perfil de uma pureza numular, feito para ser cumhado em outro virgem.

Caminha lentamente; tem na mão direita um regador.

Vou pelo meu jardim...
Ando a regar o alecrim do norte.
Que bem que cheira! É só para mim,
Ninguém mo corte...

Onde eu passo tudo reverdece,
Não há Inverno, fica tudo em flor...
Resuscitai, flores do tapete,
Ganhai cor...

Sou jardineira.
Ando a regar a Morte...
E as covas não abrem a florir!...
É sina minha. É a minha sorte.

Parando a olhar o Ministro.

Quem é, Duque?

O DUQUE, apresentando

O Ministro de...

A RAINHA, interrompendo

Ah! Sim. Sim. Estava distraída. Deixem-nos, deixem-nos. É dia de assinatura. Tem razão. (*A Aia e o Duque saem*) Já sabem quem foi? Prenderam-nos?... Não responde? (*Outro tom*) Bem, bem. Não assino um só decreto sem saber. Vou pôr crepes nas árvores do jardim. Não quero mais dormir sem que mo digam. (*Como uma confidência*) Quem o sabe... é a Morte.

Pergunte-lho. Ela está dentro de nós, a ouvir-nos. Fico transida só de pensar nisso... Eu não lhe falo nunca: tenho medo. Ando sempre a cantar para a adormecer. Sou a ama da Morte. (*Pausa*) Pergunte-lho. Basta falar de si para si, baixinho. (*Com terror, deitando-lhe as mãos aos braços*) Mas aqui não. Diante de mim, não. Fico gelada. Tenho medo, um medo doído de a ouvir. Oigo-a em tudo: nos gritos dos meus pavões; nas portas a estalar, de noite; no ranger dos meus ossos... no silêncio... É por isso que eu canto sempre, a adormecê-la. Nem posso dormir. Às vezes, no meio de um sono, tenho medo que ela fale, que desperte... E canto, canto sempre...

Cantarola.

Dona Morte dorme,
Dorme sossegada.
Tem a foice ao lado,
Brilha deafiada...

Dona Morte dorme,
Dorme de mansinho.
Cresce, ó erva verde
Mais devagarinho...

Ó luar desliza
Com teus pés de neve
Dona Morte dorme,
Tem o sono leve...

É assim que eu a adormeço... (*Põe um dedo na boca, muito baixo*) Schut!... Adormeceu. Vá, vá. Adeus. (*Dá-lhe a mão a beijar. Vendo-o sair*) Devagarinho, devagarinho...

Adormeceu. Adormeceu. Podem vir. Podem entrar. (*Chamando*) Duque! Duque!

Ao Duque que volta.

Mandei-o embora. Lá foi. Sinto-me bem...

Vai até às janelas do fundo e crispando as mãos nos cortinados, como se receasse alguma coisa, espreita os longes. O Duque fica, como um automóvel, atrás dela. Iluminam-se as casas lentamente.

Lá vai o sol doirar os meus impérios...

Desce as águas do mar.

É a hora em que as velas dos navios

Querem ser asas e poder voar...

Pouco a pouco, as janelas

Abrem os olhos: têm pupilas de ouro...

Dir-se-ia que em toda a casaria

Começa a reflectir-se o meu tesouro...

Em sombra o meu jardim... Sonha comigo.

São do meu tempo as suas árvores sem flor...

Foi a um sol que morreu, a um sol antigo,

Que o jardim teve frutos e eu amor...

Olha na fonte seca os meus pavões!...

Põe-se a acenar com as mãos.

Os meus pavões! Os meus pavões!

Volta-se para a cena. Ao Duque.

Ouve-os gritar?...
Seguem-me pelas ruas do jardim...

Pavões reais, caudas abertas, a radiar...
Vai a Rainha entre eles, lentamente...

É a sentinela a rir!... Deixá-la rir!... Que importa!...
Quero ir vestida de pavão quando for morta.

Está escuro o jardim.

Gosto das árvores que fazem reverências

Quando eu passo...

E das folhas a dizer baixinho:

«Olha o cortejo da Rainha a sair do Paço!...»

Ontem de tarde

Prendi a cauda num cipreste ao passear...

Sorri.

Coitado! Cuidou talvez que era uma morta...

Queria amar...

Choramangando.

Já não quero ninguém. Os meus olhos secaram,

Os meus olhos murcharam a beijar

Dois cadáveres de reis, um cadáver de infante,

E quantos mais e quantos mais... vida distante!...

ANTONIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O DUQUE, *timidamente, com um gesto
aúlico devoto*

V. M. fatiga-se...

A RAINHA

Sim, Duque, sim. vou-me sentar no trono. (*O Duque ajuda-a a subir os degraus do estrado*). Há uma friagem já...

O DUQUE

Majestade, é o outono...

A RAINHA, *voz longínqua*

O outono!... Quando eu era criança,
Era no *Agro romano* que o passava,
Na Vila... não, não sei, não sei o nome...
Já então era um jardim ao abandono,
As estátuas caídas em desgraça,
As árvores funerais...

O DUQUE, *imbecilmente*

Majestade, era outono...

A RAINHA

Às vezes, por instantes, sinto em mim
A minha alma de infantia...
A cotovia acorda em folhas secas...
E com asas partidas, ainda canta!

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

Pausa. Bruscamente, com uma voz irritada.

Duque! amanhã na recepção, não quero cruzes,
Cruzes, grã-cruzes, sempre cruzes...
Não, não... Faz-me lembrar enterros, muitas luzes...

Cantarola:

E amanhã é o grande dia, o grande dia,
Os sinos hão-de repicar: Aleluia!

*Pára um instante: vê se o vestido lhe
cai bem e com uma coqueterie macabra,
avança o pé. Recita como uma actriz.*

A minha vida é bela

Como a galeota real em que eu desci,
Quando vim do reino de meus pais
Reinar aqui...

A corveta que me trouxe lá partiu

Com os marinheiros nas enxárcias a acenar...
Entrou toda florida de marujos
Pelas águas do mar...

E vim reinar!

Até que o Rei meu esposo adoeceu,
E horror! vivo e reinante, apodreceu
Como um morto, na cova desse paço
Onde a névoa dormia de cansaço
Quando já não podia andar no mar...

E eu que amei os perfumes,
Só tive a consolar a minha pena,
O cheiro à cera dos brandões, mil lumes,
E o cheiro que ainda sinto, da gangrena...
Nas minhas mãos, na minha carne,
Por mais que a macerei em mil essências,
Ainda o sinto, vago mas eterno:

Num tom misterioso.

Saudades, não sei quê, reminiscências...

Como quem se recorda.

Foi então Rei meu filho!
E eu só a Rainha! E só eu a reinar!
Nem para aia das minhas a Criatura
Com quem se quis casar...

*Levanta-se, desce os degraus do trono.
Uma reverência do Duque. Dá alguns passos
com esforço. Muito baixo, com uma voz lá-
gubre.*

Lá foi, lá foram, foram todos...

Como em segredo.

... Os cavalos pela morte a galopar,
Os dois em sangue, o coração varado,
E o povo, o povo, a murmurar, um mar...

E os que ficaram,
Com medo, com terror, com cobardia,
A rezar, sempre a rezar, de noite e dia...

Com tristeza.

O que eu chorei!... Agora não sou bela.

Com uma voz estrídula de cólera.

Quem me pôs como eu estou? Quem foi? Quem foi?
Eu finjo que não sei. Ando-a a enganar.
Foi a Dor, foi a Dor. Hei-de a pintar.

Como uma queixa de criança.

Foi a Dor, foi a Dor,
A arder, a consumir, a desfeiar...
Ainda há chamas no meu cabelo branco,
No meu corpo de ruiva muito branco...
E os meus olhos azuis, os meus olhos azuis!...
Procuro-os no espelho... não é triste?
Nas órbitas não estão... quem sabe lá!
O meu olhar azul já não existe...
As minhas mãos parecem garras velhas
De uma água de cem anos, na gaiola...
Olhem as minhas mãos cheias de engelhas,
Pedem esmola...
A minha pele, a minha pele oiço-a estalar,
Quando me deito...
Quem dirá que nasceu todo o luar
Das duas luas do meu peito!...

ANTONIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O DUQUE, *comovido, avançando para ela em reverência*
Majestade... Majestade...

A Rainha olha-o à espera de que diga alguma coisa.

O DUQUE, *ainda mais curvado*

Majestade...

A RAINHA

O Duque, pobre Duque, está como eu...
Foi o avesso de nós o que sobreviveu...

A cena está quase às escuras.

A RAINHA, *caminhando em direcção ao trono,
muito baixo*

Venha cá, venha cá... (*Chama-o com a mão. O Duque segue-a*).

A RAINHA, *ao chegar ao estrado*

Aqui... aqui...

O DUQUE, *querendo ajudá-la a subir*

Queira apoiar-se neste braço, Majestade.

A RAINHA, *com o indicador na boca
como a intimar silêncio*

Não, não... (*Sentá-se no degrau*) Junto às flores
do tapete... para as sentir.

ANTONIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O Duque ajoelha. Ela põe-lhe as mãos nos ombros, força-o a sentar-se no tapete. Fica assim aos pés dela, fascinado.

Ninguém nos vê no Paço...
Toda a corte está longe.
Nada bole. Adormeceu o espaço...
É a hora, Duque, de falar baixinho...

Uma pausa. Põe os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Diz lentamente.

O que eu fui!...
O meu olhar de agora
Vai de rastos atrás da minha aurora...
Tinha os olhos azuis
Como as estátuas de Antinoüs nos museus...
E sentia na luz que a minha carne
Ia excitar, ao longe, o desejo de Deus...
Fui bela... bela... bela...

Deixa cair o olhar no Duque.

E o Duque foi belo?

O DUQUE, *com voz sumida, idiotamente*
Majestade, fui belo...

A Rainha ri de repente.

A RAINHA

Foi belo o Duque... Éramos belos!... Ah! Ah! Ah!

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

Põe-lhe as mãos nos cabelos. Com piedade.

Avozinho sem netos, pobre velho!
E tão fic! Dá-me o melhor conselho.
Sabe de cor as províncias do meu Reino.
Conhece as minhas tulhas de ouro
Sabe que sou a imperatriz do Paço Velho
E anda há cem anos a contar o meu tesouro.

Pausa.

Que é feito dos seus filhos, dos seus netos?...
Cadáveres... como os meus, só esqueletos.

Outro tom. Olhando as janelas do fundo.

A noite, Duque... como a noite é boa!
Sinto-a em carícia, devagar, sobre o meu corpo,
Xale de seda negra, leve *boa*
Toda feita de sombra e de segredo...
Os meus pavões já dormem. Estão no cedro,
A cabeça escondida sob as asas...
É noite. Atiro lenha de saudades,
E ponho-me a atizar as minhas brasas...

Amanhã faço anos. Mil e um...
Há recepção,
Virá o Paço Grande, toda a corte,
O povo, embaixadores... Que não falte nenhum!
Vão desfilar ante mim horas e horas...
O Duque faz as apresentações...

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

E eu de manto de arminhos,
Com a coroa real nos meus cabelos fulvos,
Hei-de humilhá-los... a sorrir... devagarinho,
Dando-lhes a beijar os meus dedos viúvos...
Virá o Rei, coitadinho! Pobre neto!

*De repente, na paz da noite, ouve-se tocar
os sinos a rebater.*

Que lindo olhar de corça! Sempre inquieto...
E Ela há-de vir, Ela há-de vir! Hei-de vingar-me.
E rojar-se-aos meus pés timidamente...
E eu a sorrir, eu a sorrir, imperialmente...

*Cada vez mais os sinos tocam, numa toada
trágica de alarme, enchendo a noite, inchando
o Paço Velho... Alucinados, a correr, entram
a Aia e os criados.*

A AIA

Meu Deus! Meu Deus! Que é isto? Fui ver à janela.
Não é um incêndio. As luzes apagaram-se nas casas...
O que será?!

*A RAINHA, que se ergueu vendo-os entrar,
com uma alegria estrídula, pulando*

É que amanhã é o grande dia, é o grande dia,
Os sinos estão a repicar: *Aleluia!*

O PANO DESCE

QUADRO SEGUNDO

A mesma sala de recepção. As paredes, ao fundo e à direita, estão fendidas em várias direcções. Os vidros das janelas partidos. Há cal pelo tapete. Pelas janelas abertas — uma perspectiva de escombros fumegantes. Não se vê o rio. O fumo limita muito o horizonte. Entram criados. Falam baixo. Andam lentamente: dir-se-ia que morreu Alguém...

PRIMEIRO CRIADO

Venham ver aqui que estragos houve.

SEGUNDO CRIADO

As paredes abriram... cal no chão... *(Olhando o fundo)* Os vidros partiram todos... *(Dirigem-se para as janelas)*.

UMA CRIADA

Olha penas queimadas! Tantas... Mau agouro.

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

PRIMEIRO CRIADO

Eram dos pavões, coitados! Estavam a dormir no cedro quando o jardim ardeu. Não puderam fugir...

SEGUNDO CRIADO, *apontando na direcção duma janela*

Para acolá há ainda labaredas... E que fumo, meu Deus! Mal se respira.

UMA CRIADA, *quase chorando*

E agora... que vai ser de nós, Senhor, que vai ser de nós?...

PRIMEIRO CRIADO

Nem sei, nem sei... Estou como doido.

SEGUNDO CRIADO

Como eu. Não sinto a cabeça, não sei nada...

OUTRA CRIADA

Ainda bem que os cães se calaram. Já não podia ouvir mais uivos...

PRIMEIRO CRIADO

Tinham que uivar!... Não há senão mortos.

PRIMEIRA CRIADA

Sinto as pernas a vergar. Estou muito fraca.

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

SEGUNDO CRIADO

Pudera! Ontem não jantamos. Depois a noite... a noite...

PRIMEIRO CRIADO

E o pior é que na cozinha só há cinzas... Ardeu toda. Ficarão as paredes chamuscadas.

PRIMEIRA CRIADA

Que vai ser de nós, meu Deus, que vai ser de nós?

OUTRA CRIADA

Eu antes quero morrer para aqui do que sair. A cidade faz-me medo. Não há senão mortos...

Aproximam-se das janelas. Ficam segundos a escutar.

PRIMEIRO CRIADO

Não se ouve nada... nada.

UMA CRIADA

É o dia do juízo. Que horror!

A Aia entra. Um a um, os criados saem lentamente.

A AIA, *Vem vestida como no primeiro quadro: uma patuleza imensa de fadiga, o olhar sem foco, desvairado*

O que me faz pior é o silêncio... Queria gritar para me ouvir e sinto que não posso. Os criados mesmo,

falam mais baixo: ninguém os ouve. Andam em bicos de pés. Não sei que tenho. Custa-me a levantar os braços... Que horas serão? (*Olha as janelas do fundo*) Os relógios pararam... e o fumo tolda o ar de tal maneira, que se não faz ideia do tempo. Não pode ser mais de meio-dia e dir-se-ia que está a entardecer... (*Vai à janela. Debruça-se*) Não há sentinela. Decerto partiu de noite...

Entra pela porta da esquerda, bruscamente, o Desconhecido. A Aia estremece.

A AIA

Um vivo ainda!... (*Ao Desconhecido*) Que quer daqui?...

O DESCONHECIDO

Quero falar à Rainha.

A AIA

Há menos dela, apesar de viva, que da cidade. Isto não é um Paço. Nunca foi. Nem sequer um asilo...

O DESCONHECIDO, *num tom de mármore*

A Rainha. Quero falar-lhe. Quero vê-la.

A AIA

Não tarda. Deve vir a esta sala. Se acha que vale a pena, é só esperar...

O Duque entra pela direita. Vem fardado de viador: casaca agaloada, espadim, um co-lar, condecorações. A Aia olha-o com espanto, procurando conter-se.

O DUQUE, *com um sorriso idiota, desvairado*

Peço perdão a V. Ex.^{as}.

A Aia.

S. M. a Rainha já começou a toilette para a recepção... Está tudo a postos... (*Sorri. Uma reverência. Sai.*)

O DESCONHECIDO

Quem é este homem?

A AIA

Não vê?... É um doido.

O DESCONHECIDO

Que disse ele? Falou de recepção... tudo incoerências.

A AIA

Tudo. Isto é uma casa de doidos. Até esta noite, a única criatura que o não estava, era eu. Mas agora começo a recear por mim. Creio que vou endoidecer também. A horrível noite!

O DESCONHECIDO, *violentamente*

A grande noite! A grande noite!

A AIA

Se a visse como eu... daqui, entre estes doidos, embranqueciam-lhe os cabelos como a mim.

O DESCONHECIDO, *com um fervor que se domina*

Ninguém a saberá nunca. Foi este milagre: raízes milenárias de uma Árvore que há séculos não floria, ingurgitaram-se de seiva num segundo, com tanta sede sugadora, tanta fé, que a Árvore floresceu em pleno Inverno. Uma noite e uma madrugada esteve em flor. Foi a Primavera trágica de um povo que hibernava há séculos, marasmado. Mais vermelha talvez por ser a última...

A AIA

Como aqui no Paço foi diferente! Um pesadelo de febre, inverosímil, contagiando-me, meu Deus, endoidecendo-me. (*Leva as mãos à cabeça*) O meu pobre cérebro! É uma esponja de loucura, túmida... (*Com desespero*) Peço-lhe por quanto há: conte-me, conte-me...

O DESCONHECIDO

Quando as esquadras estrangeiras se avistaram, a *Torre do Farol*, na barra, deu sinal... Anoitecia. Logo de manhã, o povo tinha partido para os arrabal-

des, levando farnéis, para gozar o campo e hipnotizar-se com a eloquência dos tribunos em dezenas de comícios reclamados... E era assim, num torneio de retórica, que via o último sol um grande povo!... (*Noutro tom*) Dormiam, estavam ainda anestesiados... Certo, sabiam tudo... mas com uma certeza vaga de sonâmbulos, uma esperança de superstição, puerilíssima, espécie de sebastianismo tateante... Era certo, era infalível... e ninguém, ninguém acreditava! Contudo ao entrar, na inquietação da tarde, a multidão em préamar cobriu os cais... Foi lá que ouviu as baterias da *Torre do Farol* dar o sinal sumo: *entravam a barra as esquadras estrangeiras!*

Aquele ruído magnetizou milhares de medulas: ressuscitou o grande Lázaro da Raça! Dormia há séculos, desde que num areal de África se perdera um Rei adolescente...

A AIA, *ansiosíssima*

E o Rei? O Rei?...

O DESCONHECIDO

O Rei?... Depois lhe direi onde morreu. (*Contando*) Nesse instante, saía ele de uma novena na Sé Velha. Tinha assistido toda a corte. Vinham nos cláustros, quando se ouviu o sinal trágico da *Torre*... O primeiro momento, dizia eu, foi de estupor: ficaram atônitos de pânico! Todos os pontos da cidade, donde se avistava o mar, estavam repletos. E houve um segundo em que o coração do povo bateu alto com a

maresia o mesmo alarme. Então, não sei que torre, não sei onde, feriu o ar com gumes de rebate... El logo o sino grande da Basílica, o sino que saudara os galões, à chegada das descobertas e conquistas, inerte, mudo há séculos como a Raça, despertou com uma voz de maldição, rugindo, uivando, vingador, povoando a noite de avejões, fauna em delírio, superstições da Índia, lendas mortas... Pouco a pouco, em cada torre, nas centenas de igrejas que existiam, descedo as sete colinas da cidade, os sinos iam acorrendo ao chamamento do avoengo fulminador que da Basílica cortava o ar como um profeta em fúria... Cada sino — uma época evocada!

Eu quando a nave da noite arqueou mais, para receber melhor as suas vozes, pelo céu, esse concerto nunca ouvido, era um conclave legendário de eras, com almas de heroísmo e de carnagem... Dir-se-ia o Requiem de assombro por um povo, reboando em versículos de vertigem de mil torres de granito, alucinadas!...

A AIA, *transida*

Eu ouvi-os, ouvi... Horas eternas! A Rainha, louca, a estorcer-se num acesso, levava-nos de roldão por todo o Paço, pulando como um títere, feroz, e ia com delírio de grandezas, agradecer saudações imaginárias às varandas que dão para a beira-rio. O Duque, desta vez doído varrido, levava nas mãos um tocheiro, ao lado dela, e a cada instante parava para curvar-se, com reverências de clown, arrepiantes... Os criados seguiam-nos com velas... E mais cómico

ainda e mais horrível, eram as nossas sombras nas paredes... a sombra dela sobretudo, a sombra dela!... e os sinos sempre... sempre! sempre! (*Pára extenuada*).

O DESCONHECIDO

Ao ouvi-los, cada um teve remorsos pela cobardia em que vivera tantos anos. E um sentimento de impotência, irremissível, paralisou algum tempo o desejo, como um colete de forças, anulante... Sobre a cidade os sinos soluçavam, em acordes ululados, dores de ódio!... O da Basílica dominava-os todos na sua catequese em bronze vivo!... Quem os tocava assim há tanto tempo, a cada badalada mais vibrantes, sem a mais leve desfalência, sem fadiga?... Eram sineiros de bronze, com certeza, da mesma carne heróica e secular...

A AIA

Tocaram sempre até à meia-noite...

O DESCONHECIDO

Tocaram até à maré-cheia do heroísmo, até a loucura sobressaturar os cérebros... Na explosão vertiginosa da aura heróica, deu-se uma coisa única, indizível: a anulação total de preconceitos! Homens, mulheres de todas as classes, que aquela hora abismal trouxe para a rua, olhavam-se com outra expressão, com outros olhos, como se as faces de torpor e de cinismo fossem máscaras arrancadas de repente, para que a Morte os conhecesse bem... As torres a

dobrar como possessas confrontavam-nos com a Morte: bem a viam! Como duas esfinges esfaimadas, a Morte e a Pátria enchiam toda a noite... Então não hesitaram. A lógica suprema da vertigem deulhes toda a estratégia, toda a tática. Milhares foram armar-se nos quartéis. Eram soldados e oficiais que os equipavam (o desespero aspára hierarquias) com fardamentos de gala, fardas velhas, com ouro-peis, com trapos, que sei eu!... Arrombaram-se armazéns de munições. Esvaziaram-se armarias em segundus. E houve chefes militares improvisados, que quase se revelaram sem palavras, como feixes latentes de energias, dominando os outros com mãos fluidas! Muitos foram para bordo auxiliar, sem saberem sequer o que fariam, combustíveis de loucura em todo o caso, imans radiadores da aura heroica! Os navios da esquadra, para defender a entrada da cidade, vieram para em frente ao *Cais do Obelisco*, já formados em linha de combate. Toda a frota mercante formou ainda atrás uma muralha, bem frágil, certamente, mas bem linda: lugres, iates, rascas e escunas; barcas de proas curvas, com estátuas, que as vagas espumaram em mares longe... A infantaria, os velhos, as mulheres, barricadaram os cais até às docas. (*Pausa. Mais baixo*) Quando os sinos à meia-noite se calaram, quase se ouvia as nuvens caminhar, tal o silêncio que os gelara a todos, que os fizera de pedra a ouvir a noite...

A AIA

Mas o fogo só rompeu muito mais tarde. Que esperavam as esquadras estrangeiras?

O DESCONHECIDO

Foi dos nossos navios que partiu, logo que o inimigo esteve à vista. Era uma hora da noite: talvez mais. Só então, escoltados em sombra, lentamente, os coraçoados navegaram perto... Tinham vindo pelo rio a tactear... Apagaram-se os faróis em toda a margem. Caminhavam a fazer sondagens... Pareceu-lhes decerto, que toda a capital se despovoara, ao olhar-na assim, em moles de noite, sem uma luz, numa calada trágica... Contavam desembarcar alegremente, como em passeio triunfal de esquadras. Pelas notas dos embaixadores e do governo, a sujeição em bloco era infalível. De repente o *Índia* rompeu fogo, e dos cais, numa emboscada épica, um tiroteio cerrado acompanhou-o... Houve uma pausa concava de assombro. E novamente os nossos atacaram antes que o inimigo respondesse!... Depois... o indizível, a loucura!

O Rei fizera-se conduzir para bordo... Estava no *Índia*, creio, em qualquer outro... Quando se viram perdidos, na alegria demente do heroísmo, trepavam aos mastros, às enxárcias, alto, o mais alto que podiam, enquanto os que ficavam no convés incendiavam os paíóis, contentes, brechando em chama o coração da noite... E membros de cadáveres voavam como num ciclone asas partidas!... De terra esta visão

A AIA

A ala norte do Paço esteve em chamas. Só há traves carbonizadas e as paredes. Antes tivesse arido todo, todo!... Um estilhaço de obus caiu no jardim. Ouvia-se crepitar as árvores, na penumbra, como um ralo longínquo de agonia... As paredes fenderam aqui mesmo. (*Com sarcasmo*) Só nós vivemos!... E vai haver recepção daqui a instantes...

O DESCONHECIDO

Por fim desembarcaram. Abriram uma rua nos cadáveres... Ao fim da praça, pararam a olhar a frontaria da Basílica, num granito de *patine* amorenada, com estátuas de navegadores e de guerreiros, à sombra dos baldaquinos arrendados... As mãos do sol estavam a consolá-la. Mas de repente, os vitrais das torres, da rosácea, pareceram beber sol com mais sede; as ogivas, mais que nunca, eram mãos postas; e os coruchéus, as agulhas implorantes, distenderam-se mais de aspiração como as almas dos místicos na morte: e a Basílica toda, num fragor, demudando o azul em poeira e fumo, fez dos conquistadores lama sangrenta sob o Panteon da raça aniquilado. (*Pausa*) Quem levou dinamite para essa igreja?... Quem foram os heróis que a aniquilaram?... (*Outro tom*) Os que desembarcavam nesse instante, fugiram para bordo, alucinados, com terror desta terra de loucura, em que a vertigem dum povo desgraçado contagiara as pedras, insurgindo-as... Na capital, agora, os mortos reinam. Há cadáveres, escombros... e vitória!

exasperava. A Perdição vestiu-se de Destino! E o desejo de morrer nessa vertigem raiava-lhes os olhos de fosfenas, contracturava-lhes os músculos por vezes, paralisando a multidão em fúria, num relevo colossal de catelépticos... Agora era a vez deles e só deles. A esquadra já assaltara a Morte, num turbilhão de chamas e de gritos. Concentraram-se então no *Cais do Obelisco*, na imensa praça aberta sobre o rio, com a Basílica ao fundo, formidanda. Os couraçados avançavam mais... A projecção dos holofotes sobre a praça revelou um povo lívido de cólera! E uma chuva de granadas foi cair, incendiando os palácios que a enquadraram, matando por centenas, num relâmpago... Uma aura de pânico correu! Milhares, perdidamente, debandaram.

... Mas então, por que prodígio estranho? o sino grande da Basílica soou, em acordes tão cavos de remorso, em dobres tão farpados de agonia, que a multidão em fuga estacou toda!... E com máscaras de loucura e de terror, que a decisão suprema fez de mármore, sentindo a inanidade da defesa, avançaram em fila, lentamente caminharam para a morte como estátuas, num estoicismo de tragédia grega, até caírem mortos, sem um grito... (*Pausa*) O efeito foi tal no inimigo, que vendo que a defesa se calara, não se atreveu ao desembarque ainda. Metralhou então toda a cidade, durante horas seguidas, friamente. O vento de Outono, nesta madrugada, teve jardins de chamas para desfiar, vagalhões ruiuos a espumar faúlhas, enquanto os olhos das janelas estalavam como se o pasmo e a dor os golpeassem...

A AIA

E agora?...

O DESCONHECIDO

Agora... Morreu a capital: há mais país. Triunfar pela vida ou pela morte, mas triunfar. Fomos iniciados.

A AIA

Triunfar ainda... é impossível.

O DESCONHECIDO

Desde ontem a realidade é o impossível.

A AIA

Mas que esperança o trouxe aqui... ao Paço?...

O DESCONHECIDO

Quero falar à Rainha, quero vê-la. Esteja como estiver... o que me importa! É o prestígio de um preceito milenário, a ilusão que ele dá de estabilidade, que eu preciso agitar nas minhas mãos, como um trapo hipnotizante, um espantalho. É a hora estranha de erguer mais os ídolos. Destruí-los é depois, muito mais tarde.

A AIA

Oh! Este já não tem que destruir. Um ídolo... a Rainha! Vai já vê-la. É menos que a memória duma morta: a caricatura de um espectro, não sei quê!...

O DESCONHECIDO

É uma forma ainda. Isso me basta. Tem ouropeis: mascara-se de símbolo. Transporta-se outra vez para o Paço Grande. Inventa-se uma heraldica... uma corte. Há criados aqui. Servem-nos esses. Tem-se assim um simulacro de realza, a ficção teatral que ainda fascina. Nada mudou sob este aspecto, nada! É a alma do resto do país encadeia-se então ao rubro-branco nesta obsessão suprema: a autonomia! Se sobrevivermos... mais tarde... há outros destinos. Por agora: não desviar a atenção um só segundo, do *podridero* épico que vemos: receber-lhe a confiança exaltadora, a sugestão de loucura fulgurante, e arrastar o que na raça há de mais forte, numa vertigem lívida, ao triunfo, à vitória na vida, ou só na morte (*apontando as janelas*) como a *desses que lá fora reinam*...

UM CRIADO

Venho prevenir a senhora condessa. S. M. está à espera. Vai começar a recepção. (*Sai*).

A AIA, com *deseespero*

Ouviu bem? Ouviu?... Isto é de endoidecer. De um lado uma esperança absurda, do outro uma visão de manicómio... (*Pondo-se em frente dele*) Não é evidente para si, não é evidente que ainda mesmo que se realizasse o impossível de evitar o desembarque das esquadras, outras viriam, mais, até esmagar-nos?... Quem exige um suicídio colectivo, um heroísmo monstruoso e inútil?

ANTONIO PATRICIO * OBRAS COMPLETAS

O DESCONHECIDO

A lógica da Raça. É inevitável.

Corre-se o reposteiro.

UMA VOZ

S. M. a Rainha.

Entram a Rainha, o Duque, criadas e criados. A Rainha. Vem cadavérica. Trás um vestido roxo de cauda, com um decote quadrado, exibindo as clavículas esbrugadas, sob uma pele de morta, com lívres. Manto de armíños. Na cabeça uma coroa de teatro. Mal pode andar: arrasta-se. O Duque segue-a far-tuosa. Atrás criadas e criados. Dirigem-se para o trono. Num movimento involuntário de terror, o Desconhecido recua. Fica ao fundo da sala, como atônito. A Aia aproxima-se dele, interrogando-o. O Duque ajuda a Rainha a subir os degraus do estrado, e quando a vê sentada, ajoelha, beija-lhe a mão devotamente.

O DESCONHECIDO, à Aia, com asco e com terror:

Ficou isto!... Um rei antigo deu beija-mão a um cadáver exumado. Agora é uma corte póstuma, um povo póstumo, no beija-mão de uma Estrangeira louca!...

ANTONIO PATRICIO * OBRAS COMPLETAS

A AIA, abre, num movimento brusco, os cortinados de uma janela, ao fundo; estende as mãos numa invocação suprema e torcendo-as depois, num paroxismo

Venham os corvos!...

O Duque vai começar as apresentações. Uma criada velha destaca-se do grupo. Mas a Rainha, trémula, com uma mimica atroz de sofrimento, levanta-se do trono, estica o corpo num imenso esforço: distende o pescoço de cegonha, como dominando uma multidão imaginária, e com uma voz átona.

A RAINHA

Tenho fome.

O Desconhecido fixa-a um instante. Sai precipitadamente. Duque, Aia, Criados, entrecolham-se vazios.

FIM

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES - USP
BIBLIOTECA

Adquirido de:

Of. de Fundações Calouste Gulbenkian

Oferta de:

991 0314820r\$

Data

T=150490

Composto e impresso na
Sociedade Industrial Gráfica
Rua de Campolide, 133-B-C
Telefone 68 16 12-LISBOA 1
para a Livraria Sam Carlos,
em Outubro de 1974

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O FIM

HISTÓRIA DRAMÁTICA
EM DOIS QUADROS

869.27
P341f
1974

1974
BIBLIOTECA SAM CARLOS
LISBOA

